



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de lançamento e adesão ao Compromisso Nacional para  
Aperfeiçoar as Condições de Trabalho na Cana-de-Açúcar**

**Palácio do Buriti, 25 de junho de 2009**

Meus queridos companheiros trabalhadores e empresários da indústria  
sucroalcooleira do Brasil,

Meu ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes; do Trabalho, Carlos  
Luppi; de Minas e Energia, Edison Lobão; do Desenvolvimento Agrário,  
Guilherme Cassel; da Secretaria-Geral, companheiro Luiz Dulci; da Advocacia-  
Geral da União, José Antonio Toffoli; da Secretaria Especial de Direitos  
Humanos, Paulinho Vannuchi, que teve que se retirar.

Companheiros deputados federais Elismar Prado e Paulo Henrique  
Lustosa,

Querido companheiro Hélio Neves, presidente da Feraesp,

Marcos Jank, presidente da Unica,

Companheiro Alberto Broch, presidente da Contag,

Meu caro companheiro André Rocha, representante do Fórum Nacional  
Sucroenergético,

Nosso companheiro Miguel Rossetto, presidente da Petrobras  
Biocombustíveis,

Amigos e amigas,

Trabalhadores,

Companheiros da imprensa,

Companheiros – hoje tem mais companheiras do que companheiros,

Primeiro, o reconhecimento. Dar os parabéns, aqui, aos ministros que  
contribuíram para que esse acordo pudesse sair e, sobretudo, no trabalho



obstinado que fez o companheiro Luiz Soares Dulci, pela Secretaria-Geral da Presidência da República. Acho que, Dulci, com a tua simplicidade e humildade, possivelmente você não tenha dimensão do que a equipe que você coordenou foi capaz de fazer, trazendo hoje, para que nós pudéssemos firmar essa carta de intenção. Muito mais do que isso, eu acho que um compromisso de honra que trabalhadores e empresários, coordenados pelo governo, resolveram fazer.

Possivelmente, e é importante que os companheiros da imprensa compreendam isso, possivelmente alguém pode dizer: “Isso poderia ter sido feito há 20 anos atrás, há 30 anos atrás, há 40 anos atrás”. Há quarenta anos atrás, nós éramos inimigos de classe, nós nem nos conhecíamos e não gostávamos uns dos outros. Esse é um dado. Os trabalhadores, quando iam para a Frente de Trabalho, já iam tendo a certeza de que não era uma relação capital e trabalho, era uma relação de um trabalhador com um inimigo e, possivelmente, muitos empresários também vissem: é uma relação de empresário com o inimigo. Eu digo isso, que é para a gente assentar corretamente no que vocês foram capazes de fazer. Não faz muito tempo, não faz muito tempo, a maioria dos trabalhadores tinha medo de votar em mim, por falta de consciência política e muitos diziam: “Votar nesse cara, ele é igual a mim, sabe. Por que eu vou votar nele?”

Eu, às vezes, ficava magoado, pegava as estradas de São Paulo para fazer campanha e, às vezes, passava em setores médios da sociedade, eles aplaudiam, e quando passava perto de alguém que estava colhendo algodão ou cortando cana fazia assim para mim. Eu passava três noites com enxaqueca, porque eu não estava sendo entendido por aqueles que era a razão pela qual eu tinha criado um partido e entrado na política.

Mas também os empresários tinham medo, muito medo. E as coisas começaram a mudar. Primeiro, o companheiro Machado foi eleito prefeito de Piracicaba, e aí começou a estabelecer relações com alguns fornecedores de



cana no primeiro momento. Depois o companheiro Palocci foi eleito prefeito de Ribeirão Preto e estabeleceu relações com um grande número de empresários do setor e, por conseguinte, eu fui me aproximando de alguns empresários. E, depois, pelo fato de eu ser muitas vezes candidato, a gente tem a chance de conversar mais com eles do que se eu tivesse sido uma vez só e desistido de ser candidato.

E hoje, e eu até já fui criticado, porque uma vez eu fiz elogios. Os usineiros, só para vocês terem ideia, eram tratados pelos políticos como os evangélicos. Todo mundo quer o voto do evangélico, mas depois as pessoas têm vergonha de dizer que receberam apoio de determinado setor evangélico. Usineiro era tratado assim neste país, usineiro era tratado e vendido como se fosse, sabe, a coisa nefasta do setor empresarial brasileiro. Ora, se no passado, nós tivemos alguém no setor que criou essa imagem, a verdade é que o tempo se encarrega de fazer a mudança para todos os lados e eu, que jamais imaginei ser o garoto-propaganda do etanol no mundo, virei o garoto-propaganda do etanol no mundo.

E virei por uma razão lógica, por uma razão de soberania deste país. Agora mesmo eu perguntava para um companheiro como é que foi a vinda do Bill Clinton no encontro que eles fizeram em São Paulo, o Marcio me disse: “Foi muito importante”. E eu falei para o Marcio: ele disse que vai convencer o Obama a parar de produzir tanto de milho e vai comprar o nosso, de cana-de-açúcar? O Marcio me falou: “Não, ele disse que é preciso primeiro resolver os negócios na Amazônia”.

Então, esse é um debate, e é por isso que eu assumi a defesa do biocombustível, e é por isso que nós tomamos a decisão de estabelecer essa mesa, para poder resolver essas coisas que eram motivos utilizados contra nós no exterior. E, muitas vezes, governantes europeus convidavam trabalhadores brasileiros para ir lá dizer isso. E, muitas vezes, nós, inocentemente, íamos para os outros governos para falar mal do nosso país, achando que estava



ajudando. E, agora, nós sabemos que temos adversários, no campo comercial, para enfrentar. Nós sabemos que temos.

Ninguém se conforma que o Brasil tenha virado o maior exportador de carne do mundo, o maior exportador de minério de ferro do mundo, o maior exportador de café do mundo, o maior exportador de suco de laranja do mundo, um dos maiores exportadores de soja do mundo, exportador de avião. Ou seja, nós estamos entrando num mercado cativo dos outros.

E como o Brasil não quer ser mais tratado como uma nação de segunda categoria, nós temos a melhor tecnologia, temos mais capacidade produtiva, menos da metade do preço que eles produzem, comprovadamente um combustível limpo, comprovadamente, tecnologicamente, ele funciona – está aí os carros brasileiros para fazerem inveja a qualquer carro chique que eles tenham lá fora. É só colocar um carro deles, a gasolina, perto do nosso a etanol, *flex fuel*, para eles saberem qual a diferença da emissão de gás efeito estufa.

É essa a discussão que nós queremos fazer. E essa discussão que eu acho que tanto trabalhadores e empresários compreenderam que se a gente estiver em harmonia, fazendo as coisas corretas, isso é uma vantagem comparativa para o Brasil, no mundo da competitividade.

O que é duro é o Luppi ouvir, na OIT – não desta vez, porque eu também estava lá, e porque ele foi desaforado da outra vez –, levantar alguém e dizer: “Ah, mas lá na cana-de-açúcar tem trabalho escravo”. E se essa moda pega, você vai chegar em qualquer país europeu para vender o nosso produto, os caras falam: “Não!”. E eles fazem mais, às vezes vem até ONGs de lá fazer o discurso que interessa aos governos. E, muitas vezes, aqui, nós acreditamos.

Nós temos que saber que nessa disputa o Brasil não tem medo de debater em lugar nenhum do mundo, com quem quer que seja. O que nós queremos é que prevaleça a lei do livre comércio. Ou seja, quando é os produtos deles, eles defendem livre comércio, sem imposto. Agora, quando é o



nosso etanol, eles metem taxa em cima de taxa para dificultar que a gente prove que somos melhor do que eles. Esse é o dado concreto e objetivo.

Eu lembro que uma pessoa importante veio aqui neste Palácio e começou a conversa comigo, o seguinte: “Ah, mas trabalhar cortando cana é um trabalho muito penoso. Não é possível comprar um combustível de um trabalho desse”. Eu falei: é engraçado. Eu sei que o trabalhador de cana trabalha no pesado. Agora, é menos pesado do que trabalhar 90 metros numa mina de carvão, que foi o que transformou o teu país numa potência. É muito menos.

Eu fui em Roma para dizer para eles: tirem o dedo sujo de combustível fóssil do nosso combustível limpo. Porque senão fica acusação por acusação, fica acusação por acusação. E muitas vezes aqui, muita gente nossa acredita. Ah, foi dito lá fora, a gente acredita. Como se nós fôssemos, sabe, de terceira categoria. Então esse acordo, Dulci, esse acordo, possivelmente a gente não se dê conta agora, e eu também não trabalho com a ilusão de que a partir de agora, virou tudo maravilha, não. Não virou maravilha nem para os empresários colocarem o nosso produto no exterior e nem virou maravilha ainda as coisas dos trabalhadores.

Mas nós estabelecemos, sabe, um novo paradigma. Ou seja, vocês, trabalhadores e empresários fizeram a coisa mais sagrada entre dois negociadores. Vocês, agora, estão se respeitando e os dois compreendem que um precisa do outro para sobreviver. Esse é o dado concreto. E a partir daí, tudo fica mais fácil. A segunda coisa importante que vocês compreenderam é que nós, que brigamos a vida inteira contra o trabalho insalubre, perigoso, periculoso, no campo, estamos vendo agora a tecnologia tirar os homens do campo e colocar uma máquina. Uma máquina daquelas deve tirar o lugar de cem trabalhadores cada máquina daquela, 200, 300, sei lá quantos, mas tira muitos. E nós somos favoráveis, nós somos favoráveis que esse trabalho insalubre seja cada vez menos feito pelo ser humano manualmente, que seja a



máquina. Mas aí entra o outro desafio: onde colocar o sustento, onde colocar esses trabalhadores, trabalhadoras para levar para casa o pão de cada dia, o leite de cada dia.

Se nós queremos (incompreensível), se todo mundo no Brasil dá palpite de que é um trabalho perigoso, está na hora, agora, de todo mundo assumir a responsabilidade de como a gente canalizar esses companheiros e essas companheiras para um trabalho que eles ganhem, no mínimo, um pouco mais do que eles ganham no corte de cana.

E, nesse trabalho, posso dizer aos empresários e dizer aos trabalhadores que o nosso governo fará o esforço que tiver que fazer para que a gente possa ser parceiros na construção dessa nova ordem econômica na zona da produção de álcool, de açúcar e dos trabalhadores. Nós temos esse compromisso. E não é um compromisso... Eu até não podia fazer compromisso, muito, porque o meu mandato termina dentro de um ano e meio. Mas esse é um compromisso de vida, perpassa o mandato de um presidente da República. E, eu tenho certeza, os empresários são todos jovens, aqui, todos vão viver, pelo menos, mais 30, 40 anos ainda.

Ou seja, e isso, esse é um processo em construção, que nós vamos construir a cada dia, a cada hora, a cada momento. Para gente ter o orgulho que nós tivemos, agora, quando eu fui na Fitim. Quando eu fui na Fitim, ninguém mais falou, não sei se tinha empresários nossos, do setor, lá, mas ninguém mais falou que tem trabalho escravo. Porque nós já anunciamos lá esse contrato que nós íamos fazer aqui. O que aconteceu lá foi o reconhecimento pelas coisas que o Brasil está fazendo.

Então eu quero, do fundo do coração... Você vai ter muito trabalho daqui para frente, Luppi, você, o Dulci, o Reinhold Stephanes, todo mundo aí, todos, para poder fiscalizar, junto com os empresários e com os trabalhadores, são muita gente, trezentos e poucos empresários, 80% da produção de açúcar do Brasil, não é pouca coisa. Pode ser que entre um ou outro tenha uma ovelha



marrom, para não falar ovelha negra, uma ovelha marrom, uma ovelha verde. Mas essa pessoa que se transformar na ovelha verde ou marrom, essa pessoa vai ficar tão sozinho e tão isolado que a vergonha vai fazê-lo aderir a esse acordo e cumprir a mesma coisa que vocês assumiram de cumprir.

Por isso, companheiros e companheiras, eu quero dar os parabéns, Dulci, a você e à sua equipe, à capacidade de organização; aos empresários, a capacidade de atender o nosso apelo, para que isso fosse feito, até para que facilitasse a gente continuar a tentar jogar o nosso álcool no tanque dos carros do chamado “mundo desenvolvido”. E, aos trabalhadores, a certeza de que nós estamos longe de fazer tudo o que precisa ser feito pelos trabalhadores. Estamos muito longe. Mas já fizemos, em pouco tempo, mais do que já foi feito em muitas décadas por outro governo. O dado concreto é que vocês próprios estão aprendendo, pela cabeça de vocês, que a jornada é longa, mas ela é necessária. E hoje vocês conquistaram uma grande coisa, um conjunto de conquistas que foi extremamente importante. Por isso, meus agradecimentos à compreensão.

E às centrais sindicais, que são parceiros históricos do governo, desde antes da minha vitória, sem a participação de vocês, a compreensão de vocês, nós não chegaríamos a isso. E à imprensa que pode, a partir de agora, começar a fiscalizar, para saber se as coisas estão funcionando tal como está escrito no papel que nós vamos entregar na saída para vocês e para eles.

Meus agradecimentos. Que Deus nos abençoe, e que possa permitir que a gente continue fazendo conquista atrás de conquista.

Aqui... Quem é ele? Cadê ele? É você? Ô, “bichim”... Ele está dizendo o seguinte, olha: o Antônio Carlos, esse moço que veio aqui... Eu sabia que você não era só cortador de cana. Eu perguntei. Eu perguntei para ele, eu falei: aquele “bichim” ali deve cortar umas três fazendas de cana por dia. É o seguinte: ele... Nós vamos fazer os empresários, aqui, serem os patrocinadores seu, aqui. O problema é que se você tiver patrocínio, então não vai querer mais



trabalhar, não é?

Não, é o seguinte: é que ele é lutador de boxe. E ele está dizendo o seguinte: “Eu também sou lutador de boxe, mas eu preciso de patrocínio”. Campeão do Pontal. Mas disse que a única luta que ele venceu foi com o Zé Rainha, magrinho, lá no Pontal.

Não, mas, aqui, ô Toni, eu vou falar com o Ministro do Esporte, você depois coloca o teu telefone aqui, ou o telefone de onde você trabalha, ou se eu falo com o Hélio, com qualquer pessoa, para cuidar disso aí, tá? Depois eu vou fazer uma luta com você, que eu fui treinador de boxe. Eu parei de lutar porque era excessivamente violento, eu teria que parar.

Mas, gente, olha, muito obrigado. Que Deus abençoe todos vocês pela conquista que nós tivemos hoje.

(\$211A)